
A Teoria das Inteligências Múltiplas sua importância para o Psicopedagogo

Sheila Oliveira dos Santos

Resumo

Com a evolução do ser humano e da tecnologia deu-se especial importância aos estudos do “cérebro” que, após ser observado vivo e em funcionamento, ocasionou grandes mudanças de paradigma e uma nova visão sobre “inteligência”. Houve a criação de novas teorias e a necessidade de um novo modelo educacional que considere o aluno como um ser holístico possuidor de várias inteligências e todas de igual valor. Nesta obra o leitor terá uma visão geral sobre as diversas teorias e a necessidade da mudança do papel do professor e do psicopedagogo. O professor proporcionando atividades que trabalhem as diferentes inteligências levando o aluno ao desenvolvimento integral e o psicopedagogo avaliando o educando e conscientizando a comunidade escolar da elaboração de um currículo que atenda a essa nova perspectiva. A comunidade escolar deverá ter um novo “olhar” sobre esse indivíduo procurando adaptá-lo ao “Novo Milênio” onde serão exigidos cidadãos criativos, sensíveis, com conhecimento de si e controle sobre suas emoções para que contribuam, realmente, na formação de um “Mundo Melhor”.

Introdução

Quem é mais inteligente?

Um cientista ou um índio?

Um professor universitário ou um pedreiro?

O significado de inteligência tem sido, ao longo do tempo, motivo de estudo de psicólogos, filósofos, neurologistas, pedagogos e pesquisadores da ciência cognitiva.

Esse interesse em pesquisar sobre inteligência gerou diferentes concepções acerca de sua origem e do seu desenvolvimento nos indivíduos e, mais que isso, diferentes investidas no sentido de defini-la. Para alguns estudiosos, a inteligência estaria determinada por fatores genéticos hereditários, que, uma vez estabelecidos, poderiam ser pouco modificados pelas interferências do meio no qual o indivíduo vive. Para outros pesquisadores, ela dependeria fortemente do meio social para desenvolver-se, e ainda há os que questionam a influência da cultura para classificação do que seria “inteligente”.

Durante muito tempo, a concepção hegemônica de inteligência foi, e talvez ainda seja, a de uma grandeza passível de medição. Por essa ótica, a inteligência pode ser quantificada por testes especialmente preparados para isso.

Baseados em questões de caráter lógico-matemático e lingüístico, tais testes mediriam o quociente de inteligência, o conhecido QI (coeficiente de inteligência), de um indivíduo e determinariam sua capacidade intelectual.

Com a continuação das experiências, os cientistas tomaram conhecimento de que medir a inteligência seria muito mais complexo e envolveria muitos outros fatores (emocionais, culturais etc.) do que apenas um teste de conhecimentos.

Muitas pesquisas mostraram que se usa apenas dez por cento do nosso poder cerebral e que o ser humano tem sido sempre estimulado a usar a inteligência racional (principalmente na out side) que é considerada como válida, em detrimento de outras capacidades muito diferentes como a visual, emocional, espacial etc.

Na conclusão, sugere-se que o educando receba atenção especial para a identificação de suas capacidades, e que o ambiente escolar promova um currículo que diversifique as atividades e atenda a essas diferenças individuais. Um currículo onde ele seja o centro e regule o processo de aprendizagem, tornando-se seguro e de elevada auto-estima, mostrando-se capaz e que exerça domínio completo sobre suas ações e reações.

Capítulo I

O Problema

1.1 Delimitação do Estudo

No início do século XX, as autoridades francesas solicitaram a Alfredo Binet que criasse um instrumento pelo qual se pudesse prever quais as crianças que teriam sucesso nos liceus parisienses. O instrumento criado por Binet testava a habilidade das crianças nas áreas verbal e lógica, já que os currículos acadêmicos dos liceus enfatizavam, sobretudo, o desenvolvimento da linguagem e da matemática.

Subseqüentes testes de inteligência e a comunidade de psicometria tiveram enorme influência, durante este século, sobre a idéia que se tem de inteligência, embora o próprio Binet (Binet & Simon, 1905 Apud Kornhaber & Gardner, 1989) tenha declarado que um único número, derivado da performance de uma criança em um teste, não poderia retratar uma questão tão complexa quanto à inteligência humana.

Centrar o estudo nas pesquisas mais recentes em desenvolvimento cognitivo e neuropsicologia sugere que as habilidades cognitivas são bem mais diferenciadas e mais específicas do que se acreditava (Gardner, 1985).

1.2 Hipóteses

Todos os indivíduos normais são capazes de uma atuação em, pelo menos, sete diferentes e, até certo ponto, independentes áreas intelectuais. Não existem habilidades gerais, segundo Gardner, para que a inteligência seja medida precisamos mais do que um teste de papel e lápis, como também, precisamos levar em conta as diferentes atuações valorizadas em culturas diversas.

Definir inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais.

Mostrar a Teoria das Inteligências Múltiplas como uma alternativa para o conceito de inteligência, como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação. Demonstrar como ficou ultrapassada a idéia de QI e as visões unitárias de inteligência, que focalizam, sobretudo, as habilidades importantes para o sucesso escolar. Redefinir, segundo Gardner, inteligência à luz das origens biológicas da habilidade para resolver problemas. Através da avaliação das atuações de diferentes profissionais em diversas culturas, e do repertório de habilidades dos seres humanos na busca de soluções, culturalmente apropriadas, para os seus problemas.

1.3 Metodologia

Realizar pesquisa através de uma organização coerente de idéias, originadas de uma bibliografia (livros, artigos, teses, periódicos) de alto nível de autores consagrados, fazendo uma análise crítica e/ou comparativa montando um esquema conceitual bem definido.

Serão realizadas as seguintes etapas:

1. Levantamento mais profundo de dados específicos da área sob estudo;
2. Metodologia e modelos aplicáveis;
3. Fundamentação teórica;
4. Análise e interpretação das informações;
5. Conclusões e resultados.

Capítulo II

Referencial Teórico – I

2.1. Inteligências Múltiplas

Howard Gardner iniciou seus estudos a respeito das Inteligências Múltiplas como integrante de um grupo de pesquisas sobre “A Natureza e Realização do Potencial Humano”. Pesquisador, formado em psicologia do desenvolvimento e em inteligência e desenvolvimento infantil e adulto com danos cerebrais, tinha como tarefa falar sobre a cognição humana nesta proposta de pesquisa. Seu objetivo era de chegar a uma visão mais abrangente sobre a cognição do que aquelas aceitas pelos estudos cognitivos da época. Tinha como alvo a teoria de Piaget e a concepção de inteligência que era considerada a capacidade de dar respostas sucintas, de modo rápido a problemas que requerem habilidades lingüísticas e lógicas.

Gardner optou por chamar de Inteligências Múltiplas sua concepção e estudos sobre a inteligência. Afirma que, se tivesse dito simplesmente que os homens têm diferentes talentos, seu livro teria passado despercebido. No entanto, ao falar de “inteligências múltiplas”, no sentido de que existe um número desconhecido de capacidades humanas diferenciadas, variando desde inteligência musical até a inteligência envolvida no entendimento de si mesmo. Sua obra, *Estruturas da Mente*, que trata dos resultados de sua monografia, apresenta algumas implicações educacionais da teoria.

Gardner acreditava que sua obra seria de interesse na área da psicologia do desenvolvimento, para aqueles que estudavam a inteligência numa perspectiva piagetiana, ou na perspectiva da construção e medição dos testes. No entanto, a obra não despertou muito interesse nessa disciplina, mas logo foi muito estudada (ou apareceram muitos interessados) na área da educação.

Após 1983, a primeira publicação de “Estruturas da Mente”, Gardner dedicou boa parte de seu tempo ao estudo e exploração das implicações educacionais da teoria das IM.

2.1.1. Teoria das Inteligências Múltiplas

Psicólogo construtivista muito influenciado por Piaget, Gardner distingue-se de seu colega de Genebra na medida em que Piaget acreditava que todos os aspectos da simbolização partem de uma mesma função semiótica, enquanto que ele acredita que processos psicológicos independentes são empregados quando o indivíduo lida com símbolos lingüísticos, numéricos, gestuais ou outros. Segundo Gardner, uma criança pode ter um desempenho precoce em uma área (o que Piaget chamaria de pensamento formal) e estar na média ou mesmo abaixo da média em outra (o equivalente, por exemplo, ao estágio sensorio-motor). Gardner descreve o desenvolvimento cognitivo como uma capacidade cada vez maior de entender e expressar significado em vários sistemas simbólicos utilizados num contexto cultural, e sugere que não há uma ligação necessária entre a capacidade ou estágio de desenvolvimento em uma área de desempenho e capacidades ou estágios em outras áreas ou domínios (Malkus e col., 1988). Num plano de análise psicológico, afirma Gardner (1982), que cada área ou domínio tem seu sistema simbólico próprio; num plano sociológico de estudo, cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento de competências valorizadas em culturas específicas.

Gardner sugere, ainda, que as habilidades humanas não são organizadas de forma horizontal; ele propõe que se pense nessas habilidades como organizadas verticalmente, e que, ao invés de haver uma faculdade mental geral, como a memória, talvez existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado, em cada área ou domínio, com possíveis semelhanças entre as áreas, mas não necessariamente uma relação direta.

Gardner identificou as inteligências lingüística, lógico-matemática, espacial, musical, cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Postula que essas competências intelectuais são relativamente independentes, têm sua origem e limites genéticos próprios e substratos neuroanatômicos específicos e dispõem de processos cognitivos próprios. Segundo ele, os seres humanos dispõem de graus variados de cada uma das inteligências e maneiras diferentes com que elas se combinam, se organizam e se utilizam dessas capacidades intelectuais para resolver problemas e criar produtos. Gardner ressalta que, embora estas inteligências sejam, até certo ponto, independentes uma das outras, elas raramente funcionam isoladamente. Embora algumas ocupações exemplifiquem uma inteligência, na maioria dos casos as ocupações ilustram bem a necessidade de uma combinação de inteligências. Por exemplo, um cirurgião necessita da acuidade da inteligência espacial combinada com a destreza da cinestésica.

Inteligência lingüística – Os componentes centrais da inteligência lingüística são a sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. É a habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, estimular ou

transmitir idéias. Gardner indica que é a habilidade exibida na sua maior intensidade pelos poetas. Em crianças, esta habilidade se manifesta através da capacidade para contar histórias originais ou para relatar, com precisão, experiências vividas.

Inteligência musical – Esta inteligência se manifesta através de uma habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música. A criança pequena com habilidade musical especial percebe desde cedo diferentes sons no seu ambiente e, freqüentemente, canta para si mesma.

Inteligência lógico-matemática – Os componentes centrais desta inteligência são descritos por Gardner como uma sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. É a habilidade para explorar relações, categorias e padrões, através da manipulação de objetos ou símbolos, e para experimentar de forma controlada; é a habilidade para lidar com séries de raciocínios, para reconhecer problemas e resolvê-los. É a inteligência característica de matemáticos e cientistas. Gardner, porém, explica que, embora o talento científico e o talento matemático possam estar presentes num mesmo indivíduo, os motivos que movem as ações dos cientistas e dos matemáticos não são os mesmos. Enquanto os matemáticos desejam criar um mundo abstrato consistente, os cientistas pretendem explicar a natureza. A criança, com especial aptidão nesta inteligência, demonstra facilidade para contar e fazer cálculos matemáticos e para criar notações práticas de seu raciocínio.

Inteligência espacial – Gardner descreve a inteligência espacial como a capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. É a habilidade para manipular formas ou objetos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição, numa representação visual ou espacial. É a inteligência dos artistas plásticos, dos engenheiros e dos arquitetos. Em crianças pequenas, o potencial **especial** nessa inteligência é percebido através da habilidade para quebra-cabeças e outros jogos espaciais e a atenção a detalhes visuais.

Inteligência cinestésica – Esta inteligência se refere à habilidade para resolver problemas ou criar produtos através do uso de parte ou de todo o corpo. É a habilidade para usar a coordenação grossa ou fina em esportes, artes cênicas ou plásticas no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objetos com destreza. A criança especialmente dotada de inteligência cinestésica se move com graça e expressão a partir de estímulos musicais ou verbais, demonstra uma grande habilidade atlética ou uma coordenação fina apurada.

Inteligência interpessoal – Esta inteligência pode ser descrita como uma habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Ela é melhor apreciada na observação de psicoterapeutas, professores, políticos e vendedores bem sucedidos. Na sua forma mais primitiva, a inteligência interpessoal se manifesta em crianças pequenas como a habilidade para distinguir pessoas, e na sua forma mais avançada, como a habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. Crianças especialmente dotadas demonstram muito cedo uma habilidade para liderar outras crianças, uma vez que são extremamente sensíveis às necessidades e sentimentos de outros.

Inteligência intrapessoal – Esta inteligência é o correlativo interno da inteligência interpessoal, isto é, a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e idéias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências próprias, a capacidade para formular uma imagem precisa de si próprio e a habilidade para usar essa imagem para funcionar de forma efetiva. Como esta inteligência é a mais pessoal de todas, ela só é observável através dos sistemas simbólicos das outras inteligências, ou seja, através de manifestações lingüísticas, musicais ou cinestésicas.

A teoria das inteligências múltiplas é uma abordagem teórica que baseia seus estudos na ciência cognitiva (estudo da mente) e na neurociência (estudo do cérebro).

No sentido apontado acima, Gardner e uma grande equipe de pesquisadores desenvolvem diversos projetos na Universidade de Harvard, buscando a caracterização e o desenvolvimento do que é chamado de Inteligência Múltipla. Em seu trabalho, exploram e desenvolvem a idéia de que as manifestações de inteligência compõem um amplo espectro de competências, incluindo as dimensões lingüística, lógico-matemática, mas também a musical, a corporal-cinestésica, a espacial, a intrapessoal, a interpessoal.

2.1.2. *Suas dimensões*

◆ A dimensão **lógico-matemática**, tem sido regularmente considerada pelos psicólogos e epistemólogos, como Piaget, por exemplo. Ela é normalmente associada à competência em desenvolver raciocínios dedutivos, em construir ou acompanhar cadeias causais, em vislumbrar soluções para problemas, em lidar com números ou outros objetos matemáticos, envolvendo cálculos, transformações etc. Em seu estereótipo mais freqüente, o pensamento científico encontra-se fortemente associado à dimensão lógico-matemática da inteligência.

◆ A dimensão **lingüística**, como a lógico-matemática, também é tradicionalmente lembrada pela psicologia. Ela se expressa de modo característico no orador, no escritor, em todos os que lidam criativamente com as palavras, com a língua corrente, com a linguagem de uma maneira geral. Existem estudos interessantes referentes à lateralização das funções cerebrais, pretendendo localizar regiões do cérebro onde se desenvolveria a competência lingüística – lado esquerdo, no caso ocidental (de um indivíduo destro), ou das linguagens alfabéticas, e distribuição entre os dois hemisférios, no caso das linguagens ideográficas.

◆ A competência **corporal-cinestésica** manifesta-se tipicamente no atleta, no artista, que seguramente não elaboram cadeias de raciocínios para realizar seus movimentos e, na maior parte das vezes, não conseguem explicá-los verbalmente. Os exercícios, os treinamentos, conseguem desenvolver tal competência, embora os limites alcançados difiram significativamente em diferentes indivíduos.

◆ A dimensão **espacial** da inteligência está diretamente associada às atividades do arquiteto, ou do navegador, por exemplo, revelando-se em uma competência especial na percepção e na administração do espaço, na elaboração ou na utilização de mapas, de plantas, de representações planas de um modo geral. Existem estudos que sugerem fortemente que tal competência desenvolve-se primordialmente no lado direito do cérebro, no caso de um ocidental destro.

♦ A consideração da **competência musical** como uma das dimensões básicas da inteligência é, para Gardner, resultante de numerosas observações empíricas e é apresentada como um dado de realidade. Ele analisou o papel desempenhado pela música em sociedades paleolíticas, em diferentes culturas, em diferentes épocas, bem como no desenvolvimento infantil e convenceu-se de que a habilidade musical representa uma competência em estado “puro”, no sentido de que não estaria necessariamente associada a nenhuma das outras dimensões citadas.

♦ A inteligência **interpessoal** revela-se através de uma competência especial em relacionar-se bem com os outros, em perceber seus humores, suas motivações, em captar suas intenções, mesmo as menos evidentes, em descentrar-se, enfim, conseguindo analisar questões coletivas de diferentes pontos de vista. Em sua forma mais elaborada, é característica nos líderes, nos políticos, nos professores, nos terapeutas, e é fundamental nos pais.

♦ No caso da **inteligência intrapessoal**, a característica básica é a de estar bem consigo mesmo, administrando os próprios humores, os sentimentos, as emoções, os projetos. A criança autista é um exemplo prototípico de um indivíduo com a inteligência intrapessoal prejudicada; ela não consegue, muitas vezes, sequer referir-se a si mesma, embora possa exibir habilidades em outras áreas, como a musical ou a espacial. Alguns pensadores, como Ortega y Gasset, consideram absolutamente fundamental esta capacidade de estar bem consigo mesmo, de apresentar um desenvolvimento equilibrado, físico e emocional, com as glândulas secretando os humores fundamentais de modo harmonioso. Em alguns textos (ORTEGA Y GASSET, 1983), ele chega mesmo a advogar uma “pedagogia das secreções internas”, que deveria visar principalmente ao desenvolvimento do que Gardner viria a caracterizar como inteligência intrapessoal.

Howard, atualmente, estuda outras inteligências: uma chamada **NATURALISTA**, que está associada à capacidade humana de reconhecer objetos na natureza e a sua relação com a vida humana, e, outra considerada a **TRANSCENDENTAL**, que está ligada ao entendimento além do corpóreo, o transcendente, é a inteligência dos místicos, religiosos etc. A partir da teoria de Howard Gardner, o professor Nílson José Machado, da USP, propõe a inteligência **PICTÓRICA** que está associada à capacidade de desenhar. O desenho é uma forma importante de se expressar e é a primeira utilizada pela criança.

Esta é uma lista preliminar. Cada forma de inteligência pode ser subdividida. Considera-se importante a pluralidade do intelecto. Os sujeitos podem diferir quanto aos perfis particulares de inteligência com os quais nascem e que desenvolvem ao longo da vida. Na verdade, o fundamental não é quantas inteligências temos, mas o desenvolvimento de todas elas segundo nossas aptidões.

As sete competências relacionadas compõem um espectro onde todos os elementos componentes interagem, equilibrando-se ou reequilibrando-se em razão de deficiências específicas; localmente, seríamos todos deficientes em algum aspecto, ao mesmo tempo em que globalmente, sempre seríamos competentes. A pressuposição implícita é a de que toda criança teria possibilidades de um desenvolvimento global de suas competências, podendo revelar-se especialmente “inteligente” em uma ou mais áreas de interesse. À escola, cabe estimular a emergência destas áreas, alimentando os interesses despertados, oferecendo canais adequados para sua manifestação e seu desenvolvimento. As áreas em que uma criança se apresenta menos promissora também não podem ser esquecidas. É

fundamental estimular-se um desenvolvimento harmonioso de amplo espectro de competências, uma vez que hipertrofias tópicas freqüentemente situam-se mais próximas de desequilíbrios ou deformações do que de configurações desejáveis.

Em seu ponto de vista, a escola deveria desenvolver as inteligências e ajudar às pessoas a atingirem objetivos de ocupação e passatempo adequados ao seu espectro particular de inteligência. Sua proposta é uma escola centrada no indivíduo, voltada para um entendimento e desenvolvimento ótimos do perfil cognitivo de cada aluno.

Sua proposta de escola passa pelos seguintes pressupostos:

- ◆ Nem todas as pessoas têm os mesmos interesses e habilidades;
- ◆ Nem todas aprendem da mesma maneira;
- ◆ Ninguém pode aprender tudo o que há para ser aprendido.

Propõe assim um novo papel para os professores. Nesta nova escola centrada no indivíduo a avaliação das capacidades e tendências individuais seria um fator essencial. Sua preocupação estaria centrada em adequar aos indivíduos as áreas curriculares e a maneira de ensinar esses assuntos.

Depois dos anos iniciais a escola deveria se preocupar em orientar os sujeitos aos diferentes tipos de vida e trabalho existentes em sua cultura.

Neste sentido, um dos papéis que os professores deveriam assumir seria o de avaliação. Alguns seriam os “especialistas em avaliação” e teriam como função compreender as capacidades e interesses dos alunos e da escola. Deveriam para isso utilizar vários instrumentos para essa avaliação.

Outra função para ser preenchida pelos educadores na escola proposta por Gardner é a de “agente do currículo para o aluno”. Este deveria ajudar a combinar os perfis, objetivos e interesses do aluno a determinados currículos e estilos de aprendizagem.

Ainda deveria haver um “agente da escola-comunidade”, que adequaria os alunos a oportunidades de aprendizagem na comunidade mais ampla.

Existiriam ainda os professores encarregados de ensinarem suas disciplinas e os professores-mestres que orientariam o trabalho desses professores. Os professores-mestres deveriam ainda supervisionar a equação aluno-avaliação-curriculo-comunidade.

Nesta sua abordagem faz uma crítica ao conceito que considera a inteligência como a capacidade ou faculdade singular, utilizada em qualquer situação de resolução de problemas.

Inteligência, o que a constitui?

Pela abordagem tradicional é a capacidade de responder a itens em testes de inteligência.

Pela teoria das Inteligências Múltiplas é a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural.

Os novos paradigmas para a educação determinam que os alunos são os construtores do seu conhecimento. Neste processo a intuição e a descoberta são elementos fundamentais para a construção do conhecimento. Neste novo modelo educacional o aluno deve ser considerado como um ser total que possui outras inteligências além da lingüística e da lógica-matemática, que devem ser desenvolvidas e o professor deve ser um facilitador do processo de aprendizagem, e não mero transmissor de informações prontas.

Capítulo III

Referencial Teórico – II

Desde os primeiros testes idealizados em 1908 por Binet até hoje, algumas versões desse tipo de instrumento foram sendo elaboradas e utilizadas com diferentes finalidades, entre elas, justificar fracassos escolares, avaliar candidatos a empregos, justificar determinados comportamentos sociais.

A idéia original dos trabalhos de Binet e seus colaboradores não foi testar a inteligência, mas identificar alunos que tinham problemas para aprender e ajudá-los a melhorar, sem atribuir a eles um rótulo e lhes impor limites, qualquer que fosse a causa do mau desempenho escolar. No entanto, quando as notícias dos primeiros testes de inteligência chegaram à comunidade científica, especialmente nos Estados Unidos, alguns psicólogos e educadores vislumbraram nos testes um enorme potencial para avaliar e comparar o conhecimento dos indivíduos e não demorando muito para que se manifestasse, entre eles e na sociedade como um todo, o entusiasmo pela testagem da inteligência.

Gould em seu livro “A falsa medida do homem”, afirma que as intenções de alguns pesquisadores ao usar os testes eram boas, mas que na maioria das vezes eles foram utilizados de maneira estigmatizante, para rotular e posicionar pessoas e fazer julgamentos sobre suas limitações. O uso dos testes de QI caminhou junto com a crença de que as forças intelectuais eram herdadas e de que a inteligência seria uma capacidade singular e inviolável, uma propriedade especial dos seres humanos. Nessa perspectiva, cada indivíduo nasceria com uma determinada quantidade de inteligência, o que permitiria a elaboração de testes para qualificar e classificar pessoas em termos de seu intelecto.

Essa concepção ainda aparece muito fortemente entre nós e mesmo nos dias atuais não se hesita em falar sobre pessoas mais ou menos inteligentes, mais ou menos capazes, de QI (coeficiente de inteligência) mais ou menos elevado, ou que herdaram a inteligência dos pais.

Mesmo na comunidade de pesquisadores, vez ou outra, encontra-se aqueles que se valem da idéia de inteligência única e mensurável para fundamentar determinadas posições pessoais frente à sociedade. Um exemplo disso foi o livro *The Bell Curve*, publicado em 1994 e que causou grande polêmica em torno de seu conteúdo. O título do livro se refere ao formato de curvas estatísticas usadas para mostrar e comparar os resultados das pesquisas realizadas pelos autores da obra, o sociólogo Charles Murray e o psicólogo Richar Herntein. No trabalho, eles cruzaram resultados de várias pesquisas sobre QI e concluíram que, em média, asiáticos e brancos têm quocientes de inteligência superior ao dos negros e latinos e que isso se deve a fatores genéticos, pois as diferenças se mantêm mesmo em condições de igualdade sócio-econômica.

Embora o teor do livro, bem como o processo de pesquisa e as fontes utilizadas pelos autores, tenham sido amplamente debatidos e contestados, pode-se ver aí uma tendência, que não é nova, de classificar pessoas, ou grupos de pessoas, com base na idéia de que as diferenças entre elas derivam, apenas, de distinções herdadas e inatas.

Ao longo do tempo, especialmente a partir da década de 80, críticas aos testes de inteligência têm sido freqüentes e defendem que, na tentativa de isolar fatores culturais afim de atingir o que

possa haver de congênito em matéria de inteligência, os testes quase sempre se resumem a medir aptidões lingüísticas e lógico-matemáticas, deixando de fora do seu campo de interesse uma série de outras habilidades que também podem constituir-se em manifestações de inteligência.

O questionamento acerca da idéia de inteligência como grandeza fez com que, de uns tempos para cá a concepção de Inteligência ficasse no centro das atenções do público em geral, aparecendo com muita freqüência em jornais ou revistas, quase sempre de modo enfático ou sensacionalista.

Expressões como Inteligência Emocional, Inteligência Coletiva, Inteligência Artificial, Inteligência Múltipla, Inteligência Criadora têm circulado amplamente em diferentes contextos.

Para pesquisadores como Minsky, Gardner e Gould, há evidências persuasivas da existência de diversas competências intelectuais humanas que indicam haver mais na inteligência do que respostas curtas para perguntas curtas. Pelo menos dois desses pesquisadores consideram que os testes de QI serviriam apenas para medir a capacidade de um indivíduo em resolver testes de QI.

As referidas críticas estão longe de apresentar uma definição que se torne universalmente aceita para o que seja inteligência, mas parecem evidenciar uma tendência em chamar-se inteligente não somente um indivíduo isolado, mas também sistemas capazes de tomar decisões, de resolver problemas, de estabelecer e realizar projetos.

Nessa perspectiva nascente, a inteligência não possui uma definição precisa, definitiva porque é uma realidade tão escorregadia, astuta e viva que um trabalho científico convencional não faria justiça, nem jamais esgotaria a importância do assunto.

Ao ler os trabalhos de Gardner, nota-se que seu núcleo central não está no número de competências que podem ser associadas à inteligência, mas sim, fundamentalmente, no caráter múltiplo que a inteligência apresenta e na possibilidade de poder olhar para as manifestações da inteligência, não mais a perspectiva de uma grandeza a ser medida ou como um conjunto de habilidades isoladas, mas como uma teia de relações que se tece entre todas as dimensões que se estabelecem nas possibilidades de manifestação da inteligência.

As implicações sociais e educacionais que uma teoria como essa traz são muito ricas, pois estão relacionadas com a formação de um novo cidadão, mais feliz, mais competente, com maior capacidade de trabalhar em grupo, mais equilibrado emocionalmente. Isso nos leva a considerar, ainda que brevemente, a relação entre uma nova concepção de inteligência e as exigências das transformações sociais que estão surgindo aceleradamente e exigindo que o indivíduo desenvolva um grande poder de adaptação as novas situações.

O avanço dos conhecimentos, em particular da ciência e da tecnologia, ao mesmo tempo que dá a esperança de um futuro de progresso para a humanidade, nos faz pensar que tipo de cidadão seria necessário para gerar esse futuro e cuidar para que a humanidade não se desviasse dessa rota de progresso superando os perigos e os conflitos aos quais o mundo contemporâneo encontra-se exposto.

Diferentes estudos e análises sobre o perfil do cidadão do próximo século têm apontado na direção de alguém com espírito empreendedor, com capacidade de tomar decisões e de resolver problemas, que seja criativo, com capacidade para ser um cidadão do mundo, isto é, poder “navegar” em diferentes contextos, mesmo fora de sua área de atuação específica, sem perder o rumo.

Em uma pequena ampliação dessa análise, pode-se dizer que desse cidadão do século XXI seria exigido que conciliasse uma cultura geral suficientemente ampla com a possibilidade de aprofundamento em uma área específica, de forma que adquirisse aptidão para enfrentar novas situações e realizar um ofício. O perfil delineado exige ainda uma maior capacidade de autonomia e discernimento e o fortalecimento da responsabilidade pessoal na realização do destino coletivo. Dito de outro modo seria preciso ao cidadão do século XXI, desenvolver o conhecimento dos outros e sua história, criando uma nova mentalidade, a da análise compartilhada dos riscos e desafios, que conduzisse à realização de projetos comuns e à gestão “inteligente” e pacífica dos conflitos que se mostrarem inevitáveis.

Ao mesmo tempo em que se exige um cidadão capaz de conhecer, aprender e fazer, também é exigido dele que saiba ser e viver junto, ou seja, já não há mais lugar para alguém puramente racional, se é que isso algum dia tenha ocorrido, insensível a sentimentos, incapaz de controlar suas próprias emoções e de perceber que não está sozinho no mundo.

Para formar o cidadão próximo a esse perfil esperado, considera-se que uma concepção de inteligência como a proposta por Gardner é importante. Ao inserir em seu modelo inteligências como a musical, a interpessoal e a intrapessoal e, mais recentemente a naturalista, Gardner também atende à exigência do equilíbrio entre razão e emoção e abre caminho para que possa como pais, educadores, pesquisadores e cidadãos caminhar na busca de uma sociedade mais feliz, justa e que use seu conhecimento, tecnologia e progresso científico em benefício do progresso social e da convivência pacífica com as diferenças.

Embora pareça fantasioso e utópico é de máxima urgência essas mudanças de paradigmas com relação a inteligência e ao desenvolvimento da mesma. No futuro o indivíduo terá necessidade de saber manter o equilíbrio entre a razão e a emoção para que consiga resolver os problemas de maneira imediata e precisa.

Sem ter a pretensão de esgotar o assunto, sabendo que aceitar uma teoria é render-se perante o encanto do importante, do promissor, das possibilidades e do chamamento sugestivo que ela apresenta, aqui está o convite a um longo caminho, cheio de percalços, de necessidade de debates, de reflexões, de nova tomada de consciência.

Capítulo IV

Outros Estudos

4.1. Teoria de Paul Mac Lean

Até 1981, acreditava-se que a inteligência humana era basicamente racional e ocorria no hemisfério esquerdo do neocórtex (sistema de tecido ondulado das camadas superiores do cérebro).

Com as novas descobertas e avanços, o mundo sentiu-se maravilhado e a comunidade científica evoluiu a passos largos.

Neste mesmo ano, o pesquisador Roger Sperry recebeu o Prêmio Nobel de Medicina ao comprovar a contribuição do hemisfério direito para a inteligência humana (Anexo I e II. Exercícios

feitos, antes e depois do Curso para desenvolver o lado direito do cérebro, por aluna do Curso de Psicopedagogia da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques).

Insatisfeito e achando haver mais funções na estrutura cerebral, o cientista Paul D. Mac Lean abriu caminho para o que chamamos de “inconsciente”.

Mac Lean, cientista Sênior do National Institute of Mental Health, baseado em pesquisas, afirmou que o cérebro é composto de três estruturas distintas:

- ◆ Sistema neocortical (cérebro esquerdo e direito) que nos permite pensar e imaginar, também chamado por ele de “Coroa de Jóias”, “Tear Encantado” ou “Coroa de Espinhos”, é nele que estão localizados os neurônios (anexo III).

- ◆ Sistema límbico, localizado abaixo do neocórtex, que permite desejar e sentir.

- ◆ Sistema do cérebro básico ou comportamental, que é uma estrutura tríplice complexa relacionada com o comportamento.

Mac Lean escreveu:

“Radicalmente diferentes em composição química e estrutural e, do ponto de vista evolucionário, distantes inúmeras gerações entre si, os três conjuntos neurais constituem uma hierarquia de três cérebros em um, um cérebro tríplice...”

Dito em termos populares, as três formações evolucionárias podem ser imaginadas como três computadores biológicos interligados, cada qual tendo sua própria inteligência especial, sua própria subjetividade, sua própria noção de tempo e espaço e sua própria memória e motricidade, além de outras funções.

Novas técnicas anatômicas, físicas e fisiológicas possibilitaram uma definição mais clara, antes impossível, das três formações básicas. Também provaram que as três formações são capazes de operar com certa independência.

Além disso, ... o relacionamento tríplice implica que o todo é maior do que a soma das partes, porque a troca de informações entre os três tipos de cérebro significa que cada um deles tem acesso a uma quantidade de informações maior do que seria possível se operasse sozinho, ou seja, há uma sinergia. (Mac Lean, 1990)

A Dra. Elaine de Beauport, autora do livro: “Inteligência Emocional: As Três Faces da Mente”, professora, pesquisadora e inovadora educacional, baseada na Teoria de Mac Lean, fundou e dirigiu a Escola Mead para o Desenvolvimento Humano em Greenwich, Connecticut, EUA, cujo objetivo é desenvolver integralmente o indivíduo e, para tanto, juntamente com a Dra. Sofia Diaz, começou a redefinir, classificar e ensinar as Inteligências Múltiplas divididas em dez tópicos (para efeito de estudo, pois sabemos que estão interligadas).

1. Inteligência Racional – Situada no neocórtex esquerdo. As informações são captadas em linha seqüencial, e faz uso da razão, da lógica e da relação de causa e efeito.

2. Inteligência Associativa – Situada principalmente no hemisfério direito do neocórtex. Estabelece relação, faz comparação, analogia e associação com tudo aquilo que você quer associar.

3. Inteligência Espacial – Hemisfério direito do neocórtex. É a inteligência da “Voz Interior”, pois permite que se faça sintetização de imagens e sons e perceba as informações em níveis mais profundos.

4. Inteligência Intuitiva – Hemisfério direito do neocórtex. Conhecimento sem o uso do raciocínio, da razão. É conhecer de dentro para fora. Até aqui, as inteligências mentais.

5. Inteligência de Sensibilidade – É localizada no cérebro límbico (emoções). É a capacidade de ser sensível a algo, ou alguém.

6. Inteligência dos Estados de Espírito – Cérebro límbico. A habilidade de mudar de estados de espírito. Saber equilibrar-se mediante situações extremistas. Exemplo: Paz em meio à dor.

7. Inteligência Motivacional – Cérebro límbico. Compreender os anseios, os desejos. Saber o que nos motiva, nos mobiliza mais.

8. Inteligência Básica – É a primeira das três inteligências comportamentais do tronco cerebral, o cérebro reptiliano ou básico, responsável pelo ritmo da nossa vida. Habilidade de afastar-nos ou nos aproximar de algo; podemos imitar algo ou alguém, e marcamos território.

9. Inteligência dos Padrões – Cérebro básico ou reptiliano. É o que nos permite regular nossos padrões de reações aos estímulos do mundo externo. Habilidade de mudar de comportamento.

10. Inteligência dos Parâmetros – Cérebro básico ou reptiliano. É a capacidade de reconhecer e transformar ritmos, rotinas e pequenos rituais da nossa vida, abrindo espaço para o que é realmente importante, criando novos hábitos e parâmetros cada vez melhores.

Essa classificação foi baseada em estudos e longos anos de observação minuciosa em crianças, e Beauport constatou que havia uma inteligência emocional e uma inteligência comportamental, ponto chave para o avanço da educação. O sentimento e a emoção, certamente, influenciavam no que aprendiam.

Beauport passou a ver a matéria cerebral como energia em constante movimento, em constante vibração, operando desde as ondas mais densas até as mais sutis do infinito.

Constatou que o ser humano possui muitas inteligências latentes, dentro do cérebro, esperando por estímulos e conhecimentos para que sejam desenvolvidas.

A autora acrescenta que o novo pensador tem que agir como o “maestro de uma orquestra” (Beauport, 1998) prestando atenção a cada sessão da música em separado e depois a todas juntas para que haja harmonia no conjunto.

Somos maestros do nosso cérebro. O sucesso ou a derrota depende de nossa concentração e uso das diferentes inteligências. É de grande importância o foco que damos para determinada situação. Ao focar e desfocar de maneira eficiente podemos manipular nosso estado de ânimo, passando de uma vibração mais densa, por exemplo, a raiva, para uma vibração mais rápida ou fina ao observarmos o pôr-do-sol.

Ao tomarmos conhecimento dos processos mentais estamos abrindo espaço para um melhor pensamento racional, lógico e crítico. Ao identificarmos o que nos leva a reagir de modo negativo à

determinada situação descobriremos como sair desta negatividade para que, de maneira positiva, possamos usar nossa razão.

4.2 Daniel Goleman

Psicólogo, autor do best-seller “Inteligência Emocional”, vê cinco pontos-chaves que caracterizam a pessoa vitoriosa. São habilidades que deveriam ser desenvolvidas em nossos alunos:

1. Autoconsciência – capacidade de saber o que está sentindo.
2. Lidar com emoções – saber administrar o que sente.
3. Automotivação – capacidade de colocar suas emoções a serviço de sua meta.
4. Empatia – sensibilidade para perceber as emoções do outro, colocando-se no lugar dele.
5. Capacidade de se relacionar – saber lidar com as emoções dos outros.

Atualmente, em nossa sociedade, a tendência é agir movido por estímulos exteriores. A mídia é uma das grandes responsáveis, afastando-nos do contato com o nosso “eu” mais profundo. O jovem está perdendo o hábito de pensar (os meios de comunicação pensam por ele), por isso a grande importância de incluímos nos currículos escolares disciplinas que o coloquem mais próximo de seu interior.

No livro já citado, “Inteligência Emocional: as três faces da mente”, são mostrados vários exercícios de visualização para desenvolvermos as diferentes inteligências que, antes do surgimento das teorias das Inteligências Múltiplas, seriam considerados como meros exercícios de auto-ajuda, muitas vezes ridicularizados por profissionais da medicina e, hoje, comprovados por sua eficiência nos atendimentos psico-terapêuticos.

4.3 Programação Neuro-lingüística

A Programação Neurolingüística (PNL) merece ser lembrada nesta exposição de teorias.

Começou em 1972, quando Richard Bandler (estudante de psicologia) e John Grinder (professor de lingüística) resolveram estudar as pessoas que alcançavam sucesso.

Baseados nas descobertas do funcionamento do cérebro e de que o mesmo poderia ser programado, a intenção dos pesquisadores em questão era criar padrões de terapias que proporcionassem ao indivíduo uma mudança pessoal de paradigmas para que fosse alcançada uma melhor maneira de usufruir a vida.

Em 1976, Bandler e Grinder se reuniram para rever as conclusões e criar um nome para o trabalho. Depois de várias investidas chegaram à conclusão de que seria chamado de Programação Neuro-Lingüística. “Neuro”, pois todos os componentes do comportamento nascem dos processos neurológicos: visão, audição, olfato, paladar, tato e sensação. O mundo é percebido através dos cinco sentidos. O corpo e a mente formam um todo inseparável, um ser humano. “Lingüística”, pois usamos a linguagem como expressão do pensamento e comportamento. “Programação” é a maneira que vamos utilizar para produzir bons resultados.

Foram escritos quatro livros, entre 1975 e 1977, a partir das descobertas feitas e publicadas. Desde então, as pesquisas sobre PNL têm sofrido um grande avanço.

Enormes mudanças estão acontecendo, o ser humano está perdendo as rédeas dos acontecimentos. A ciência e a tecnologia, que levaram a uma enorme evolução, estão mostrando agora conseqüências desastrosas.

A Programação Neurolinguística tem como finalidade levar o ser humano a contemplar o seu interior, a descobrir o seu potencial e assumir a direção do “seu barco”.

É indiscutível a contribuição da PNL para a formação desta nova mentalidade no ser humano.

No momento em que o ser humano aprender a se “programar” obterá resultados positivos que revolucionarão sua vida.

Capítulo V

A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas Implicações para a Educação

No começo do século XX, Alfredo Binet solicitado pelas autoridades francesas que queriam prever quais crianças teriam sucesso nos liceus, criou um instrumento para medir as habilidades nas áreas verbal e lógica. Este instrumento deu origem ao primeiro teste de inteligência, desenvolvido por Terman, na Universidade de Standford, na Califórnia: o Standford-Binet Intelligence Scale e foi implantado assim o teste de QI (coeficiente de inteligência) no mundo ocidental .

Com o passar dos anos o próprio Binet declarou que um único teste, derivado da performance de uma criança em um teste, não poderia retratar uma questão tão complexa quanto à inteligência .

Neste artigo, pretendo apresentar uma visão de inteligência que aprecia os processos mentais e o potencial humano a partir do desempenho das pessoas em diferentes campos do saber.

As pesquisas mais recentes em desenvolvimento cognitivo e neuropsicologia sugerem que as habilidades cognitivas são bem mais diferenciadas e mais específicas do que se acreditava (Gardner, 1985). Neurologistas têm documentado que o sistema nervoso humano não é um órgão com propósito único nem tão pouco é infinitamente plástico. Acredita-se, hoje, que o sistema nervoso seja altamente diferenciado e que diferentes centros neurais processem diferentes tipos de informação (Gardner, 1987).

Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, baseou-se nestas pesquisas para questionar a tradicional visão da inteligência, uma visão que enfatiza as habilidades lingüística e lógico-matemática. Segundo ele, todos os indivíduos normais são capazes de uma atuação em pelo menos sete diferentes e, até certo ponto, independentes áreas intelectuais. Sugere, ainda, que não existem habilidades gerais, duvida da possibilidade de se medir a inteligência através de testes de papel e lápis e dá grande importância a diferentes atuações valorizadas em culturas diversas. Finalmente, define inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que sejam significativos em um ou mais ambientes culturais.

5.1 A Teoria

A Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner (1985) é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação. Sua insatisfação com a idéia de QI e com visões unitárias de inteligência, que focalizam sobretudo as habilidades importantes para o sucesso escolar, levou Gardner a redefinir inteligência à luz das origens biológicas da habilidade pra resolver problemas. Através da avaliação das atuações de diferentes profissionais em diversas culturas, e do

repertório de habilidades dos seres humanos na busca de soluções, culturalmente apropriadas para os seus problemas, trabalhou no sentido inverso ao desenvolvimento, retroagindo para eventualmente chegar às inteligências que deram origem a tais realizações.

Na sua pesquisa, Gardner estudou também:

- a) o desenvolvimento de diferentes habilidades em crianças normais e crianças superdotadas;
- b) adultos com lesões cerebrais e como estes não perdem a intensidade de sua produção intelectual, mas sim uma ou algumas habilidades, sem que outras habilidades sejam sequer atingidas.
- c) populações ditas excepcionais, tais como *idiots savants* e autistas, e como os primeiros podem dispor de apenas uma competência, sendo bastante incapazes nas demais funções cerebrais, enquanto as crianças autistas apresentam ausências nas suas habilidades intelectuais;
- d) como se deu o desenvolvimento cognitivo através dos milênios.

Gardner descreve o desenvolvimento cognitivo como uma capacidade cada vez maior de entender e expressar significado em vários sistemas simbólicos utilizados num contexto cultural, e sugere que não há uma ligação necessária entre a capacidade ou estágio de desenvolvimento em uma área de desempenho e capacidades ou estágios em outras áreas ou domínios (Malkus e col., 1988). Num plano de análise psicológico, afirma Gardner (1982), cada área ou domínio tem seu sistema simbólico próprio; num plano sociológico de estudo, cada domínio se caracteriza pelo desenvolvimento de competências valorizadas em culturas específicas.

Gardner diz, ainda, que o ser humano já nasce com as habilidades básicas e essas habilidades são organizadas de maneira cumulativa e que ao invés de haver uma faculdade geral, existam formas independentes de percepção, memória e aprendizado que se harmonizam para o desenvolvimento do indivíduo.

5.2 O Desenvolvimento das Inteligências

Na sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todos os indivíduos possuem, como parte de sua bagagem genética, certas habilidades básicas em todas as inteligências. A linha de desenvolvimento de cada inteligência, no entanto, será determinada tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais. Ele propõe, ainda, que cada uma destas inteligências tem sua forma própria de pensamento, ou de processamento de informações, além de seu sistema simbólico. Estes sistemas simbólicos estabelecem o contato entre os aspectos básicos da cognição e a variedade de papéis e funções culturais.

A noção de cultura é básica para a Teoria das Inteligências Múltiplas. Com a sua definição de inteligência como a habilidade para resolver problemas ou criar produtos que são significativos em um ou mais ambientes culturais, Gardner sugere que alguns talentos só se desenvolvem porque são valorizados pelo ambiente. Ele afirma que cada cultura valoriza certos talentos, que devem ser dominados por uma quantidade de indivíduos e, depois, passados para a geração seguinte.

Segundo Gardner, cada domínio, ou inteligência, pode ser visto em termos de uma seqüência de estágios: enquanto todos os indivíduos normais possuem os estágios mais básicos em todas as inteligências, os estágios mais sofisticados dependem de maior trabalho ou aprendizado.

A seqüência de estágios se inicia com o que Gardner chama de habilidade de padrão cru. O aparecimento da competência simbólica é visto em bebês quando eles começam a perceber o mundo ao seu redor. Nesta fase, os bebês apresentam capacidade de processar diferentes informações. Eles já possuem, no entanto, o potencial para desenvolver sistemas de símbolos.

O segundo estágio, de simbolizações básicas, ocorre aproximadamente dos dois aos cinco anos de idade. Neste estágio as inteligências se revelam através dos sistemas simbólicos. Aqui, a criança demonstra sua habilidade em cada inteligência através da compreensão e uso de símbolos: a música através de sons, a linguagem através de conversas ou histórias, a inteligência espacial através de desenhos etc.

No estágio seguinte, a criança, depois de ter adquirido alguma competência no uso das simbolizações básicas, prossegue para adquirir níveis mais altos de destreza em domínios valorizados em sua cultura. À medida que as crianças progredem na sua compreensão dos sistemas simbólicos, elas aprendem os sistemas que Gardner chama de sistemas de segunda ordem, ou seja, a grafia dos sistemas (a escrita, os símbolos matemáticos, a música escrita etc.). Nesta fase, os vários aspectos da cultura têm impacto considerável sobre o desenvolvimento da criança, uma vez que ele aprimora os sistemas simbólicos que demonstrem ter maior eficácia no desempenho de atividades valorizadas pelo grupo cultural. Assim, uma cultura que valoriza a música terá um maior número de pessoas que atingirão uma produção musical de alto nível.

Finalmente, durante a adolescência e a idade adulta, as inteligências se revelam através de habilidades e competências e é nesta fase que o indivíduo adota um campo específico e focalizado, e se realiza em papéis que são significativos em sua cultura.

5.3 No Brasil

A pedagogia que nasce hoje reconhece o efeito decisivo das emoções na vida das pessoas, e especialmente na dos jovens. Não se considera mais o professor como o detentor de todo o saber e que passa este saber por osmose para a cabeça do aluno. Atualmente, o aluno é o centro da aprendizagem e o ensino gira em torno dele com o objetivo de atender às solicitações e anseios desta criança. Essa pedagogia foi inaugurada por Paulo Freire, nos anos 60, colocando o ensino a serviço do aluno onde o mesmo assume o papel de autodidata. O professor é um coordenador e facilitador do processo, fornecendo dados para que os alunos se desenvolvam.

O conhecimento essencial está dentro de cada um. O aprendizado nunca começa do zero: desde que nasce a criança já traz consigo, em sua alma, conhecimentos básicos que deverão ser estimulados e desenvolvidos ao longo da vida.

O filósofo grego Platão escreveu, há mais de 2.300 anos, que todo aprendizado é uma anamnese, um processo de lembrar o que, de alguma maneira, nós já sabíamos.

Outro entusiasta e divulgador destas novas descobertas é o professor Celso Antunes, autor de várias obras dedicadas às “Inteligências Múltiplas”, promovendo seminários e palestras para esclarecer e orientar os docentes no sentido da importância desta teoria para o processo educacional.

Em seu livro “A Inteligência Emocional na Construção do Novo Eu”, o professor Celso Antunes estabelece um diálogo de um professor com um adolescente, onde explica, com uma lingua-

gem bem simples, o que e como desenvolver as Inteligências Emocionais, de Daniel Goleman e as Múltiplas, de Gardner e como elas podem nos levar a uma nova visão de si mesmo e a um novo autojulgamento.

5.4 O Papel da TV e dos Games

Segundo Cláudio Guimarães, da USP, a introdução precoce da leitura e da escrita deve ser estimulada, porém a TV não traz os mesmos benefícios, pois não força a pessoa a raciocinar e filtrar os acontecimentos.

A psicóloga Maria Antonieta Campos dos Santos concorda que a TV limita a inteligência, pois a participação é passiva, não havendo o processo de interação.

Quanto aos video-games a opinião é a mesma porque a criança permanece quieta durante horas, deixando de se relacionar com os coleguinhas e com a família.

Afirma Guimarães que a inteligência é fruto do relacionamento do indivíduo com a escola, a comunidade e a família.

Conclusão

Quanto à avaliação, Gardner faz uma distinção entre avaliação e testagem. A avaliação, segundo ele, favorece métodos de levantamento de informações durante atividades do dia-a-dia, enquanto que testagens geralmente acontecem fora do ambiente conhecido do indivíduo que está sendo testado. Segundo Gardner, é importante que se tire o maior proveito das habilidades individuais, auxiliando os estudantes a desenvolver suas capacidades intelectuais, e, para tanto, ao invés de usar a avaliação apenas como uma maneira de classificar, aprovar ou reprovar os alunos, esta deve ser usada para informar o aluno sobre a sua capacidade e informar o professor sobre o quanto está sendo aprendido.

Gardner sugere que a avaliação deve fazer jus à inteligência, isto é, deve dar crédito ao conteúdo da inteligência em teste. Se cada inteligência tem um certo número de processos específicos, esses processos têm que ser medidos com instrumentos que permitam ver a inteligência em questão em funcionamento. Para Gardner, a avaliação deve ser ainda ecologicamente válida, isto é, ela deve ser feita em ambientes conhecidos e deve utilizar materiais conhecidos das crianças sendo avaliadas. Este autor também enfatiza a necessidade de avaliar as diferentes inteligências em termos de suas manifestações culturais e ocupações adultas específicas. Assim, a habilidade verbal, mesmo na pré-escola, ao invés de ser medida através de testes de vocabulário, definições ou semelhanças, deve ser avaliada em manifestações tais como a habilidade para contar histórias ou relatar acontecimentos. Ao invés de tentar avaliar a habilidade espacial isoladamente, deve-se observar as crianças durante uma atividade de desenho ou enquanto montam ou desmontam objetos. Finalmente, ele propõe a avaliação, ao invés de ser um produto do processo educativo, seja parte do processo educativo, e do currículo, informando a todo momento de que maneira o currículo deve se desenvolver.

No que se refere à educação centrada na criança, Gardner levanta dois pontos importantes que sugerem a necessidade da individualização. O primeiro diz respeito ao fato de que, se os indivíduos

têm perfis cognitivos tão diferentes uns dos outros, as escolas deveriam, ao invés de oferecer uma educação padronizada, tentar garantir que cada um recebesse a educação que favorecesse o seu potencial individual. O segundo ponto levantado por Gardner é igualmente importante: enquanto na Idade Média um indivíduo podia pretender tomar posse de todo o saber universal, hoje em dia essa tarefa é totalmente impossível, sendo mesmo bastante difícil o domínio de um só campo do saber.

Assim, se há a necessidade de se limitar a ênfase e a variedade de conteúdos, que essa limitação seja da escolha de cada um, favorecendo o perfil intelectual individual.

Quanto ao ambiente educacional, Gardner chama a atenção para o fato de que, embora as escolas declarem por preparam seus alunos para a vida, a vida certamente não se limita apenas a raciocínios verbais e lógicos. Ele propõe que as escolas favoreçam o conhecimento de diversas disciplinas básicas; que encorajem seus alunos a utilizar esse conhecimento para resolver problemas e efetuar tarefas que estejam relacionadas com a vida na comunidade a que pertencem; e que favoreçam o desenvolvimento de combinações intelectuais individuais, a partir da avaliação regular do potencial de cada um.

Concluindo o trabalho, faz-se necessário enfatizar o papel do educador e principalmente do psicopedagogo na aplicação desta teoria que revolucionou a maneira de olhar o ser humano. Esta descoberta nos mostra o esplendor da criação humana e quão é complexo o cérebro (que comanda todos os nossos movimentos e atitudes). Estamos construindo um mundo novo, pessoa por pessoa e não pedra por pedra, logicamente precisamos formar indivíduos que se conscientizem de que cada forma de vida tem uma função neste vasto planeta que é a “nossa casa” e que esta casa precisa ser respeitada e preservada. ◆

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, Celso. **A Inteligência Emocional na Construção do Novo Eu**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- BEAUPORT E. De; Diniz A. S. **As três faces da mente – Inteligência Emocional**. São Paulo: 1998.
- BLYTHE, T.; Gardner, H. **A school for all intelligences**. *Educational Leadership*. V. 47, n.7, 1990, p.33-7.
- DELORS, Jacques. **Educar para o futuro**. O Correio da Unesco, M.6: p.6-10, junho 1996.
- FERRONI, Marcelo. Os ingredientes da Inteligência. **Revista Galileu**, São Paulo, n. 109, maio 2000.
- GARDNER, Howard. **Inteligências Múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- GARDNER, H. **Giftedness: speculation from a biological perspective**. In: *Feldman*. D.H. Developmental approaches to giftedness and creativity. São Francisco: 1982. p. 47-60.
- GARDNER, H. **Frames of mind**. New York: Basic Books Inc., 1985.
- GARDNER, H. **The mind's new science**. New York: Basic Books Inc., 1987.
- GARDNER, H., Hatchb, T. **Multiple intelligences go to school; educational implications of the theory of Multiple Intelligences**. *Educacional Researcher*, v.18, n.8, p. 4-10, 1989.
- GOULD, Stephen J. **A falsa medida do homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- KORNHABER, M.L., Gardner, H. **Critical thinking across multiple intelligences**. Trabalho apresentado durante a Conferência "The Curriculum Redefined. Paris, 1989.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Intelligence Coletive**. Paris: Éditions La Découverte, 1995.
- MACHADO, Nilson J. **Epistemologia e didática: as concepções de conhecimento e inteligência e a prática docente**. São Paulo: Cortez, 1995.
- MALKUS, U.C., FELDMAN, D.H., GARDNER, H. **Dimensions of mind in early childhood**. In: Pelegrini, A. (ed.) *The psychological bases for early education* Chichester, Wiley. 1988, p. 25-38.
- MARINA, José Antonio. **Teoria da inteligência criadora**. Lisboa: Caminho da Ciência, 1995.
- MINSKY, Marvin. **A sociedade da mente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.
- O'CONDOR, Joseph, SEYMOUR J. **Introdução à programação neuro-lingüística: como entender e influenciar a pessoa**. São Paulo: Summus, 1995.
- SMOLE, Kátia C. S. **A matemática na educação infantil: A Teoria das Inteligências Múltiplas na prática escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- WALTER, J.M. & GARDNER, H. **The theory of multiple intelligences: some issues and answers**. In: Sternberg, R.J.; Wagner, R.K. (ed). *Practical intelligence: nature and origins of competence in the every world*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 163-82.